



Observa**DF**

Número 4/2022

A INSERÇÃO NO MERCADO DE
TRABALHO DOS JOVENS NO DF

Autoria

CABELLO, Andrea – FACE/UnB

BERTHOLINI, Frederico - IPOL/UnB

NOGALES, Ana Maria – IE/UnB

RENNÓ, Lúcio – IPOL/UnB

0

VIANA, Guilherme – DAI/DPO/UnB

O que o jovem quer? A inserção no mercado de trabalho dos jovens no DF

A juventude marca a transição entre a saída da infância e adolescência e o início da vida adulta. Considera-se jovem aquele com idade entre 15 e 29 anos. Nessa fase, a consolidação da formação e a inserção no mercado de trabalho tipicamente ocorrem.

A inserção no mercado de trabalho é um fenômeno complexo, que cada vez mais exige habilidades cujo desenvolvimento não ocorre somente na escola. Fenômenos como a automatização, a digitalização e a globalização levam a uma demanda de qualificação crescente dos trabalhadores. Esses fenômenos ampliaram o alcance das empresas e aumentaram a importância de habilidades digitais e de língua estrangeira. E os jovens, cada vez mais, precisam contar com essas novas habilidades para se inserir no mercado de trabalho.

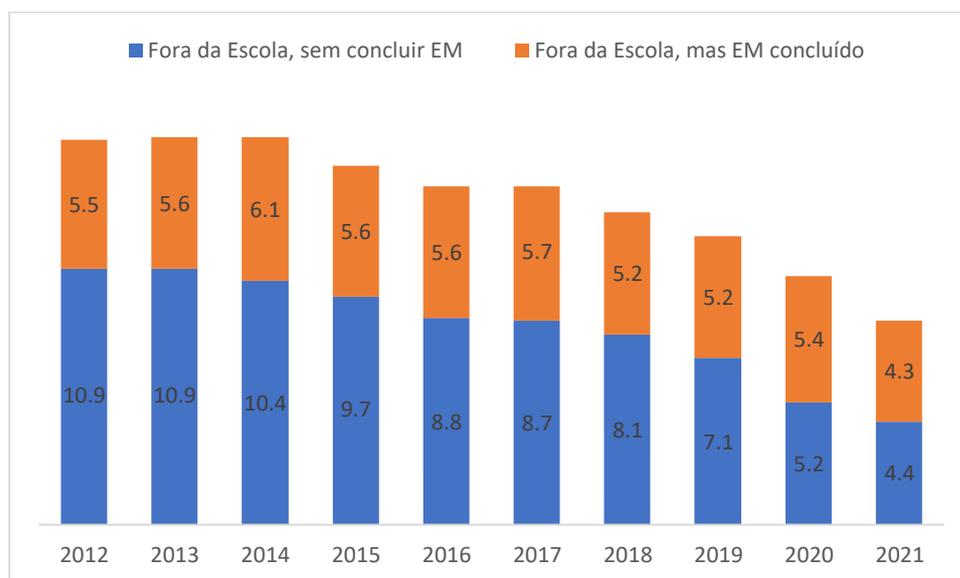
A distribuição desigual de acesso e recursos faz com que essa inserção apresente características diferenciadas para grupos distintos de jovens. Com o advento da pandemia da Covid-19, esse processo se tornou ainda mais difícil, dado o aumento do desemprego e do custo de vida e a adoção de medidas de isolamento social que provocaram interrupções no processo escolar de muitos indivíduos. Os desafios hoje são imensos para aqueles que estão iniciando sua trajetória profissional.

O objetivo desse relatório é discutir os desafios da inserção no mercado de trabalho no Distrito Federal, em um ambiente permeado por crises e por demandas crescentes de qualificação. Para isso, foi realizado um grupo focal com jovens com o objetivo de avaliar a percepção deles sobre a inserção no mercado de trabalho. O grupo focal foi realizado no dia 7 de abril de 2022 e contou com oito participantes entre 18 e 27 anos de escolaridade variada, mas todos em situação de vulnerabilidade. O relatório está dividido em três seções, além dessa breve introdução. A seção dois expõe alguns dados e discute as percepções dos jovens sobre as dificuldades enfrentadas na inserção no mundo do trabalho enquanto a seção três traz nossos comentários finais.

2. A Inserção do Jovem no Mundo de trabalho

A transição da escola para a vida profissional ocorre tipicamente no início da juventude. No Brasil como um todo, o percentual de jovens entre 15 e 17 anos fora da escola tem se reduzido, principalmente aqueles que estão fora sem terminar o Ensino Médio, como mostra o gráfico 1.

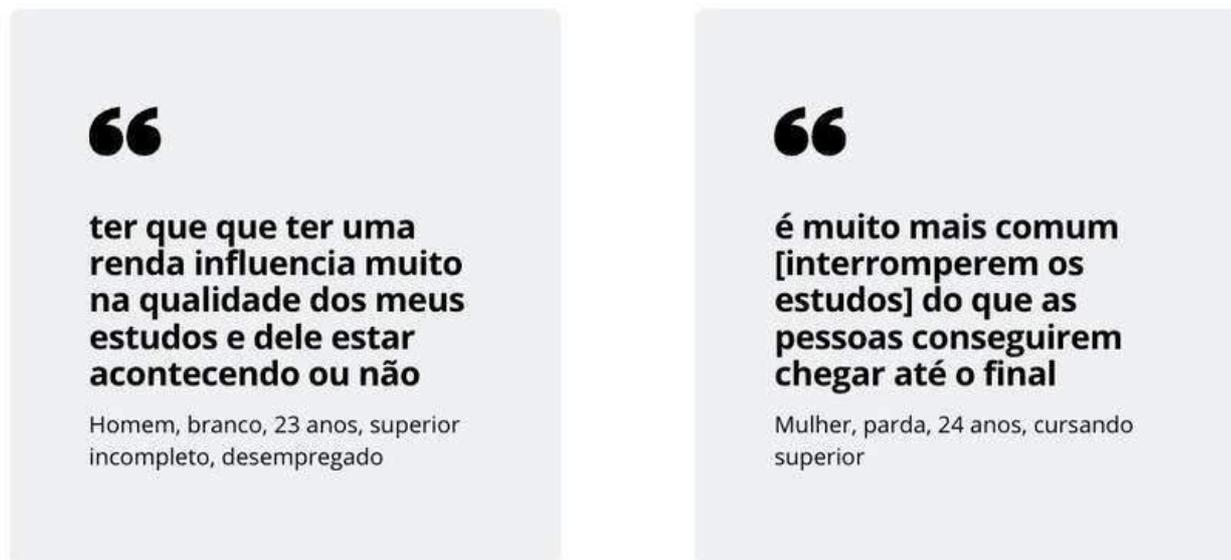
Gráfico 1 – Jovens entre 15 e 17 anos fora da escola – Brasil.



Fonte: Todos Pela Educação, 2021.

Segundo os jovens do grupo focal, o principal motivo para a interrupção de estudos é a necessidade de ter renda para se manter. Uma das entrevistadas disse que seus estudos foram conduzidos de forma “arrastada” por causa disso, principalmente após o início da pandemia da Covid-19. Outro entrevistado chamou a atenção que esse impacto da necessidade de trabalhar sobre a continuação dos estudos ocorre mesmo entre aqueles que estudam em instituições públicas e gratuitas, mas especula que o efeito é maior em instituições particulares. Segundo ele, “essa questão, ao menos para mim, de ter que ter uma renda influencia muito na qualidade dos meus estudos e dele estar acontecendo ou não”. Na visão dos jovens entrevistados, essa dificuldade seria tão grande que, segundo uma delas, “é muito mais comum [interromperem os estudos] do que as pessoas conseguirem chegar até o final”.

Figura 1 – A dificuldade de se continuar estudando



Elaboração Própria.

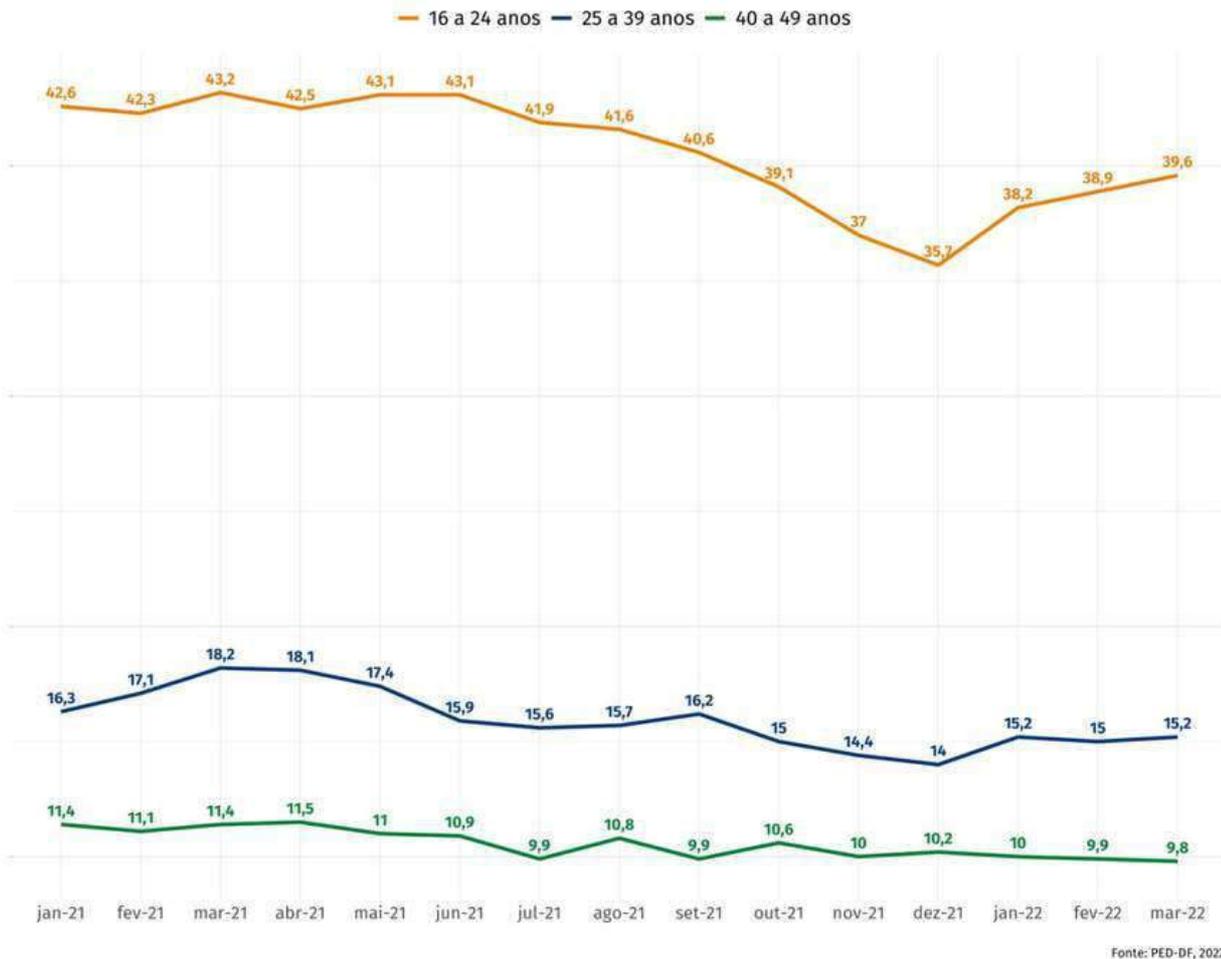
A pandemia também prejudicou a continuidade dos estudos. Segundo uma das entrevistadas, ela presenciou “Muita gente com depressão, muita gente com ansiedade. Então muito dessas pessoas desistiram” e inclusive casos de suicídio. Além disso, a pandemia aumentou o desemprego e o custo de vida, reforçando a pressão por inserção de trabalho de jovens o quanto antes.

Entretanto, a entrada do mercado de trabalho é marcada por dificuldades, a começar pela maior taxa de desemprego nessa faixa etária. A taxa de desemprego entre jovens no Distrito Federal é altíssima, próxima de 40%, como mostra o gráfico 2.

Gráfico 2 – Taxa de Desemprego no Distrito Federal por Faixa Etária

Taxa de desemprego por faixa etária

Distrito Federal

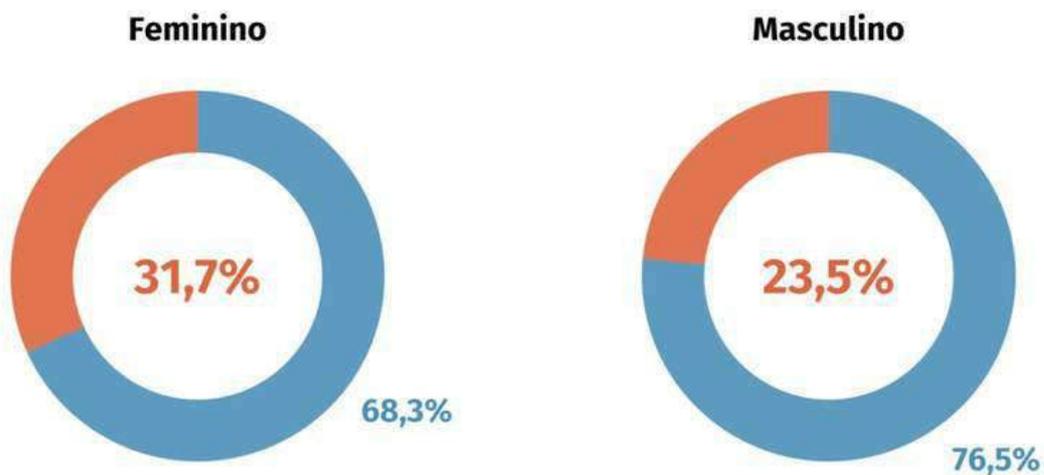


Fonte: PED, março de 2022.

Essa taxa é quase três vezes maior do que para outras faixas etárias, sugerindo uma barreira inicial de entrada no mercado de trabalho bastante robusta. Essa dificuldade de inserção no mercado de trabalho está relacionada com o fenômeno dos "nem-nem", aqueles jovens que nem trabalham e nem estudam. Dados da PDAD de 2018 mostram que entre 1/3 e 1/4 de nossos jovens se encontram nessa situação, com uma sobre-representação de meninas no grupo de jovens nem-nem: cerca de 31,7% das mulheres e 23,1% dos homens nem trabalham e nem estudam ou estão engajados em estratégias de capacitação. O gráfico mostra o percentual de jovens no DF que nem trabalha e nem estuda.

Gráfico 3 - Percentual de jovens no DF que nem trabalha e nem estuda

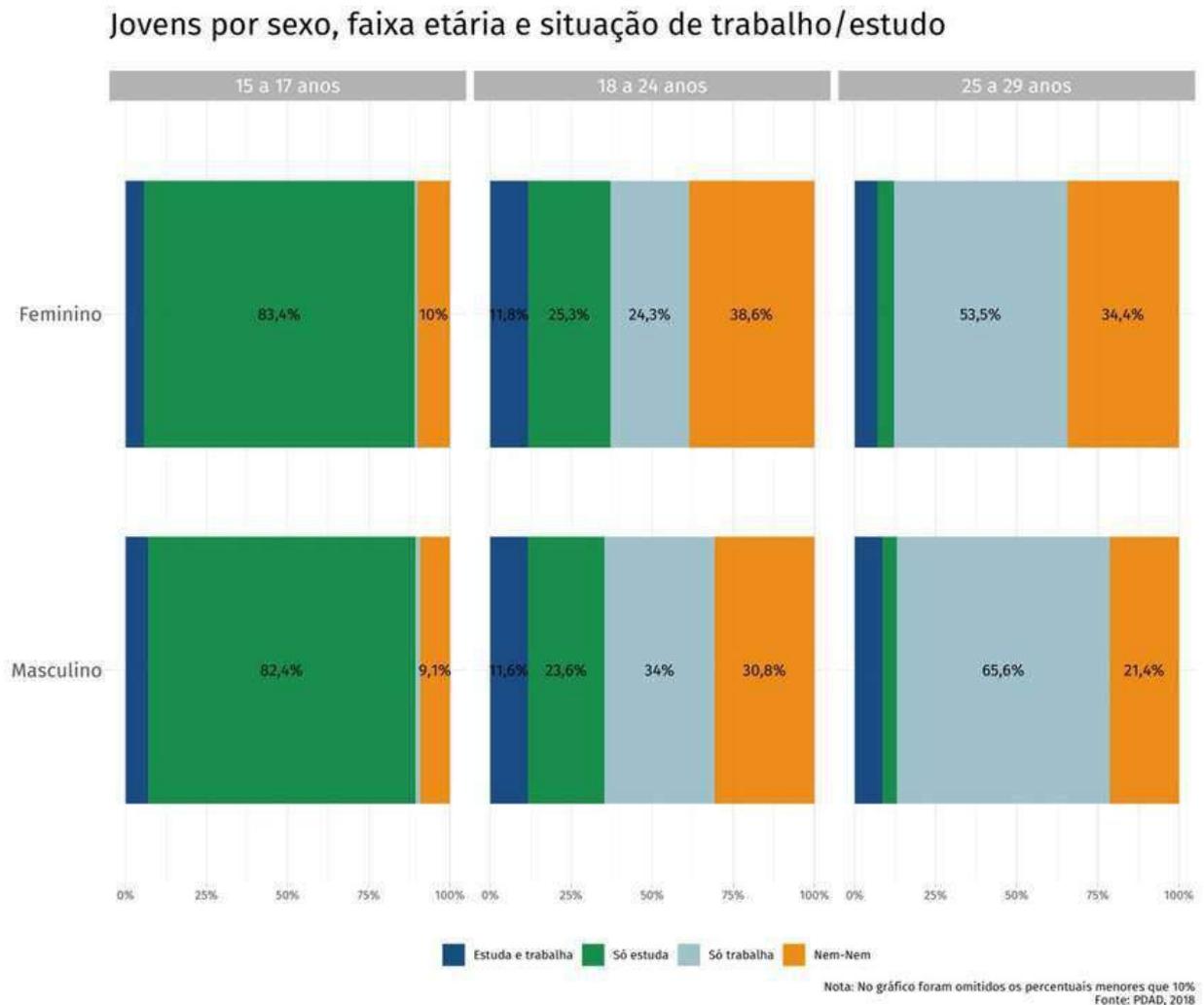
O percentual de mulheres que **nem trabalham nem estudam** é maior que o de homens, considerando a faixa etária de 15 a 29 anos.



Fonte: PDAD, 2018.

Como dito, há uma maior participação de mulheres entre aqueles que não trabalha nem estuda. Essa sobre representação nesse grupo tende a aumentar com a idade dos jovens, como mostra o gráfico 4. O gráfico 4 mostra a situação de trabalho e estudo dos jovens no DF por sexo e faixa etária.

Gráfico 4 - Situação de trabalho e estudo dos jovens no DF por sexo e faixa etária.



Fonte: PDAD, 2018.

Para jovens entre 15 e 17 anos, meninas e meninos estudam e trabalham, só estudam, só trabalham e não estudam nem trabalham em percentuais semelhantes. A partir dessa idade, parece ocorrer a transição entre a atividade de estudar e trabalhar. Para jovens com idade entre 18 e 24 anos, o percentual que estuda e trabalha reduz-se consideravelmente, aproximando-se de 35% do total (somando aqueles que só estudam e aqueles que estudam e trabalham), tanto para meninos quanto para meninas. Já para o grupo com idade entre 25 e 29 anos, essa transição é ainda mais avançada, uma vez que o percentual de jovens que estuda é inferior a 15% (novamente, somando aqueles que só estudam e aqueles que estudam e trabalham).

Apesar de esperada, essa transição apresenta características diferentes para meninos e meninas.

Os dados da PDAD de 2018 mostram que, enquanto os percentuais de meninos e meninas que estudam é similar, o percentual de meninos e meninas que apenas trabalham ou que não trabalham nem estudam é bastante diferente. Enquanto para jovens com idade entre 18 e 24 anos, o percentual de meninos que não estudam nem trabalham é de 30,8%, o percentual de meninos que não estudam nem trabalham é de 38,6%, quase 8 pontos percentuais maior. Para o grupo com idade entre 25 e 29 anos, a diferença chega a 13 pontos percentuais, com quase 35% das jovens não estudando nem trabalhando.

Esses dados sugerem que não só a inserção no mercado de trabalho é um processo difícil, em que a transição da escola para a vida profissional não ocorre de forma imediata ou linear, mas que ela também perpassa questões de gênero que devem ser levadas em consideração. Sobre preconceitos sofridos no mundo do trabalho, os participantes do grupo focal relatam que alguns setores apresentam preconceito de gênero (tanto mulheres quanto homens em setores “femininos”), mas que o mais vivenciado por eles é o de raça. Uma das entrevistadas fez uma declaração dramática: “Eu fiz estágio numa escola de elite aqui em Brasília. Foi um ano, foi o pior um ano da minha vida.”

Figura 2 “Preconceitos no mundo do trabalho

Foi o pior um ano da minha vida

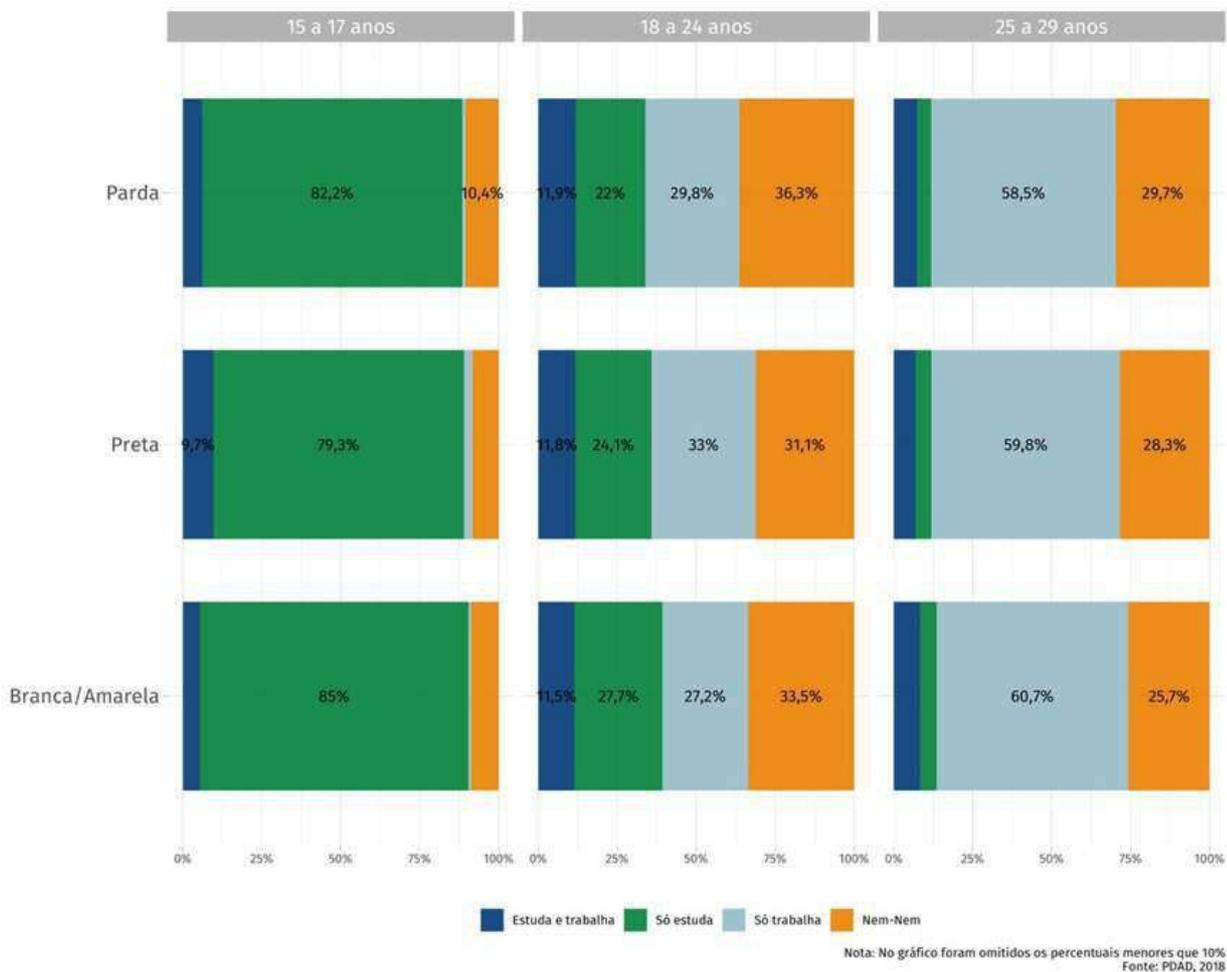
Mulher, preta, 27 anos, superior completo, desempregada

Elaboração Própria.

O gráfico 5 mostra a situação de trabalho e estudo dos jovens no DF por raça e faixa etária.

Gráfico 5 - Situação de trabalho e estudo dos jovens no DF por raça e faixa etária.

Jovens por raça/cor, faixa etária e situação de trabalho/estudo

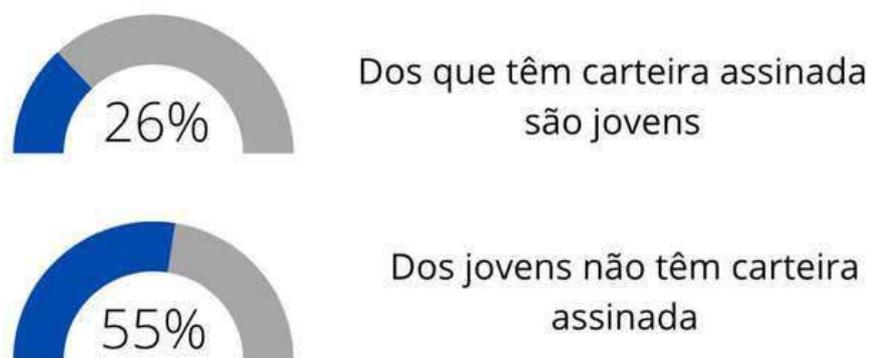


Fonte: PDAD, 2018.

De forma geral, jovens de raça branca e amarela estudam em percentuais um pouco mais elevados que jovens de raça preta e parda. Além disso, eles também só estudam em percentuais também levemente maiores, mas com discrepâncias menores que no corte de gênero.

Outros tipos de desigualdade marcam a transição da escola para o mercado de trabalho. A interrupção dos estudos precoce motivada pela pressão por busca de renda para a sobrevivência também estaria relacionada com a informalidade nos vínculos trabalhistas. Uma entrevistada chama a atenção que essa redução na dedicação aos estudos ocorre em favor desses vínculos informais de trabalho – “eu tive que dispor de mais tempo para trabalhar de forma informal, né? Porque como eu falei, tem bastante tempo que eu não, não, não trabalho.” De fato, dados da PDAD de 2018 apontam que metade dos jovens que trabalham, o fazem sem carteira assinada.

Figura 3 – Jovens e Carteira Assinada no DF



Fonte: PDAD, 2018.

Além disso, a informalidade também é vista como uma forma de aumentar a remuneração. Segundo uma das entrevistadas, “eu trabalho informalmente fazendo freelance desde que eu comecei a morar só, e eu já me vi na situação de tirar por mês mais do que tira uma pessoa que trabalha de carteira fichada.”

Figura 4 –Informalidade do vínculo laboral

“

eu tive que dispor de mais tempo para trabalhar de forma informal, né? Porque como eu falei, tem bastante tempo que eu não, não, não trabalho

Mulher, parda, 24 anos, cursando superior, desempregada

“

eu já me vi na situação de tirar por mês mais do que tira uma pessoa que trabalha de carteira fichada

Mulher, parda, 24 anos, cursando superior, desempregada

Elaboração Própria.

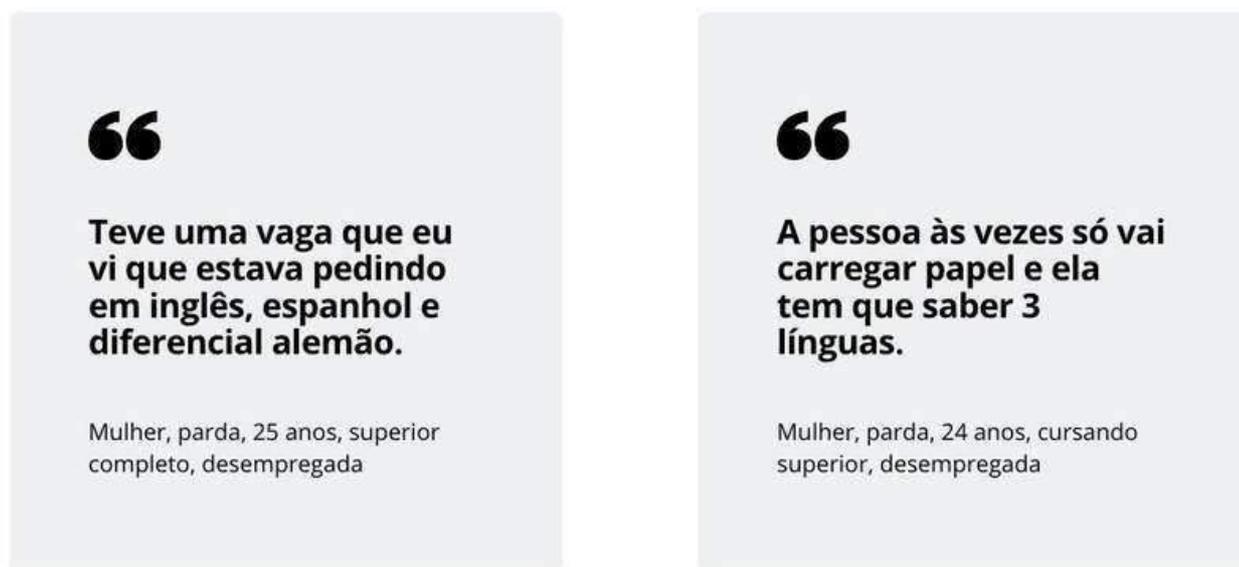
Sobre a inserção no mundo do trabalho, os jovens são praticamente unânimes ao chamar a atenção da importância de se ter experiência prévia e contatos. Um dos jovens sumariza sua impressão: “se você tiver indicação, uma peixada aí é mamão”. Entretanto, eles acreditam que as exigências do mercado são irrealistas frente às vagas oferecidas. Uma das entrevistadas compartilhou sua experiência: “Teve uma vaga que eu vi que estava pedindo em inglês, espanhol e diferencial alemão.” Outra entrevistada complementou: “A pessoa às vezes só vai carregar papel e ela tem que saber 3 línguas.” Dados da PDAD 2018 mostram que apenas 4,1% dos jovens do DF fazem um curso de línguas, mas esse percentual é maior do que entre a população geral, em que apenas 2,9% fazem um curso desse tipo.

Figura 5 – Cursos de Línguas como capacitação



Fonte: PDAD, 2018.

Figura 6 – Os requisitos inalcançáveis de vagas



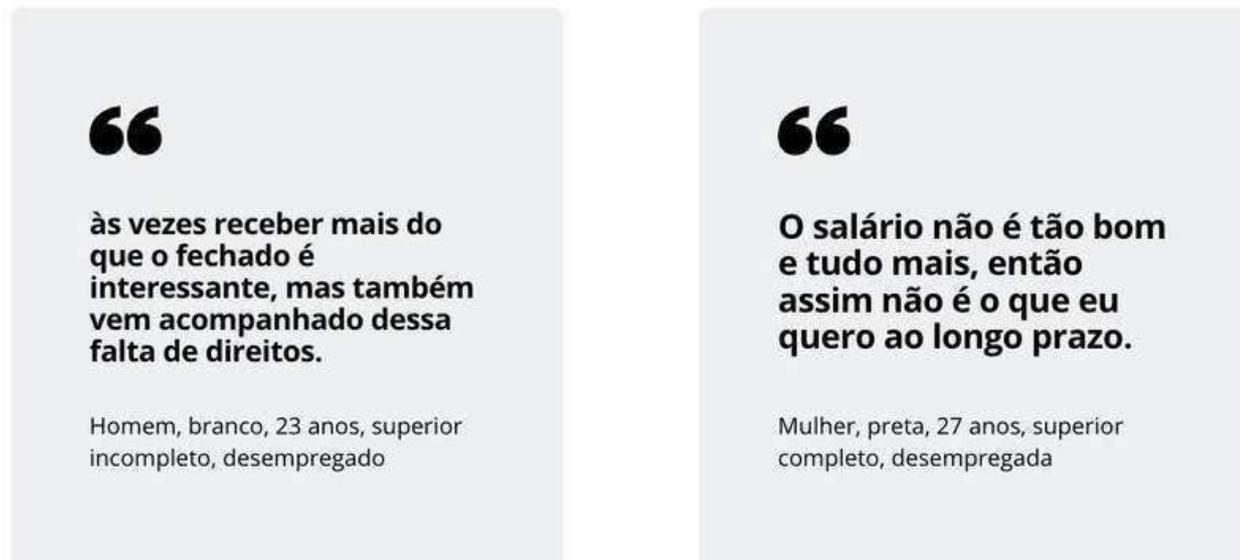
Elaboração Própria.

Apesar dessa grande exigência de qualificação, eles criticam a remuneração dessas vagas – ou seja, na opinião deles, os requisitos seriam muito altos e a remuneração baixa e incondizente com o

requisitos. Além disso, em alguns setores em que a oferta de vagas é ampla, eles esbarram na baixa remuneração. Alguns empregos são considerados “ruins”, mas eles dizem que se submetem mesmo assim por “desespero”.

O tempo de busca por emprego também é percebido como muito longo. Os jovens relataram passar mais de um ano buscando uma colocação sem sucesso. Há uma dificuldade ainda maior para migrar de colocações informais para empregos formais. Isso ocorre, em parte, porque vagas formais exigem experiência e muitas das experiências que esses jovens têm do mercado informal não são consideradas em seus currículos ou nos processos seletivos em que eles participaram. Nas palavras de uma das entrevistadas, “Está aqui no meu currículo, eu fiz isso e se isso eu trabalhei desse dessa maneira, né? E isso acaba dificultando, né? Pra gente se inserir no mercado de trabalho futuramente. Mas com relação à remuneração, eu queria dizer que tem determinados casos em que eu ganhava realmente muito melhor.” Essa dualidade entre a necessidade de aceitar empregos “ruins” e a necessidade de acumular experiência para melhores vagas é bastante clara para os entrevistados. Nas palavras de uma delas: “Teu dinheiro, você precisar disso para sobreviver e você pensar no seu futuro, né? Você tem perspectiva de futuro, você quer algo melhor você viver, né? Continuar estudando e tudo mais. Mas tem que lidar ali com com as despesas.” Eles também estão bastante cientes da falta de direitos, como observa um dos jovens: “às vezes receber mais do que o fechado é interessante, mas também vem acompanhado dessa falta de direitos”. Adiante, outra jovem conclui em relação à dicotomia de se construir uma carreira versus a necessidade de renda imediata: “O salário não é tão bom e tudo mais, então assim não é o que eu quero ao longo prazo.”

Figura 7 – A precarização dos empregos atuais



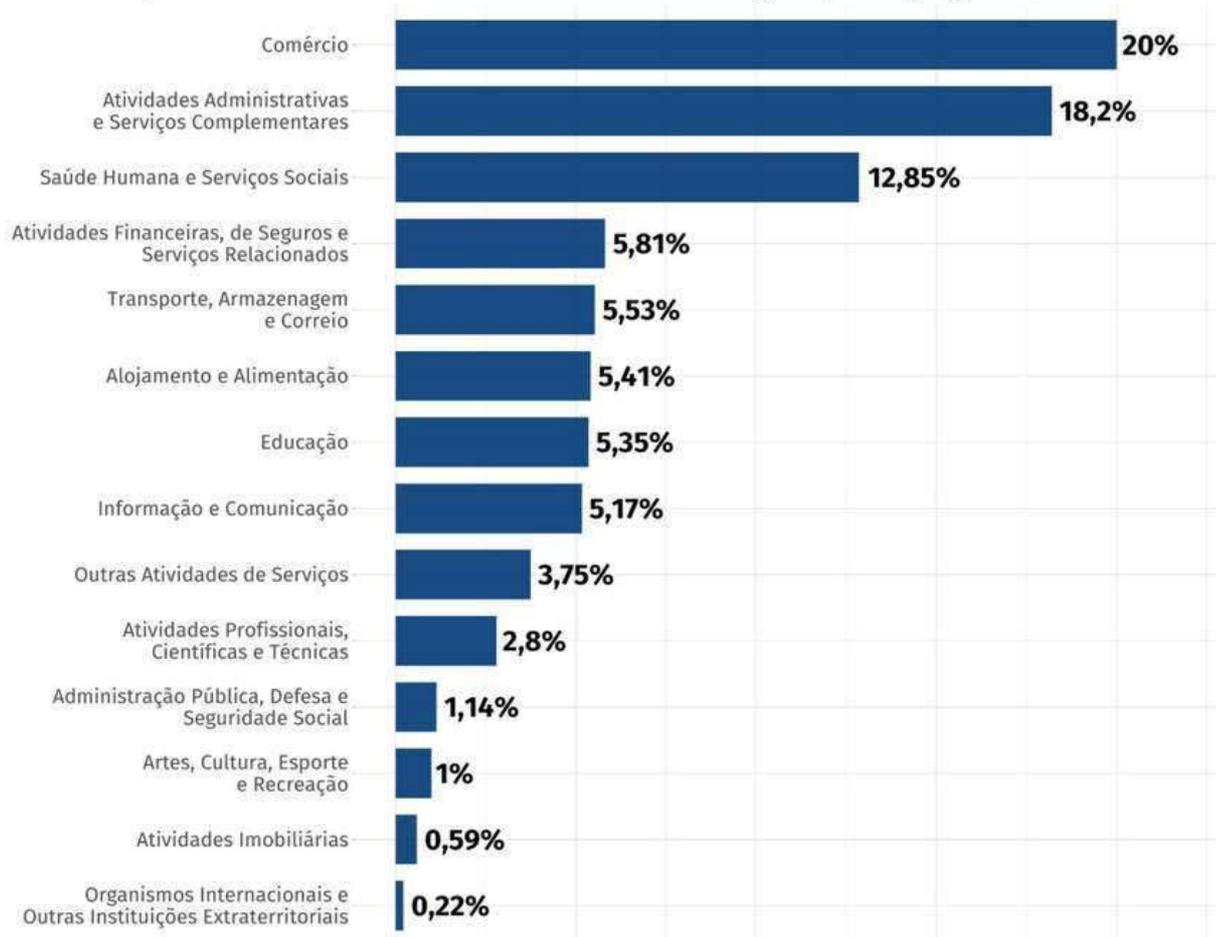
Elaboração Própria.

Eles também observam uma falta de aderência entre as habilidades e competências proporcionadas pelas instituições de ensino e as exigidas pelo mundo do trabalho. Deve-se observar que o DF se caracteriza por uma estrutura produtiva baseada no setor de serviços, que concentra quase a totalidade seu estoque de trabalhadores.

Somando o setor de serviços com as atividades de comércio, observa-se que cerca de 90% do estoque de trabalhadores do DF concentra-se nessas duas atividades. Esses setores são diversificados e englobam diferentes tipos de atividades, principalmente o setor de serviços. O gráfico 6 decompõe o estoque de trabalhadores do setor de serviços entre os diversos tipos de atividades.

Gráfico 6 - Estoque de trabalhadores do Distrito Federal em 2021 em setores de serviços da economia

Estoque de trabalhadores no setor de Serviços (desagregado) e Comércio



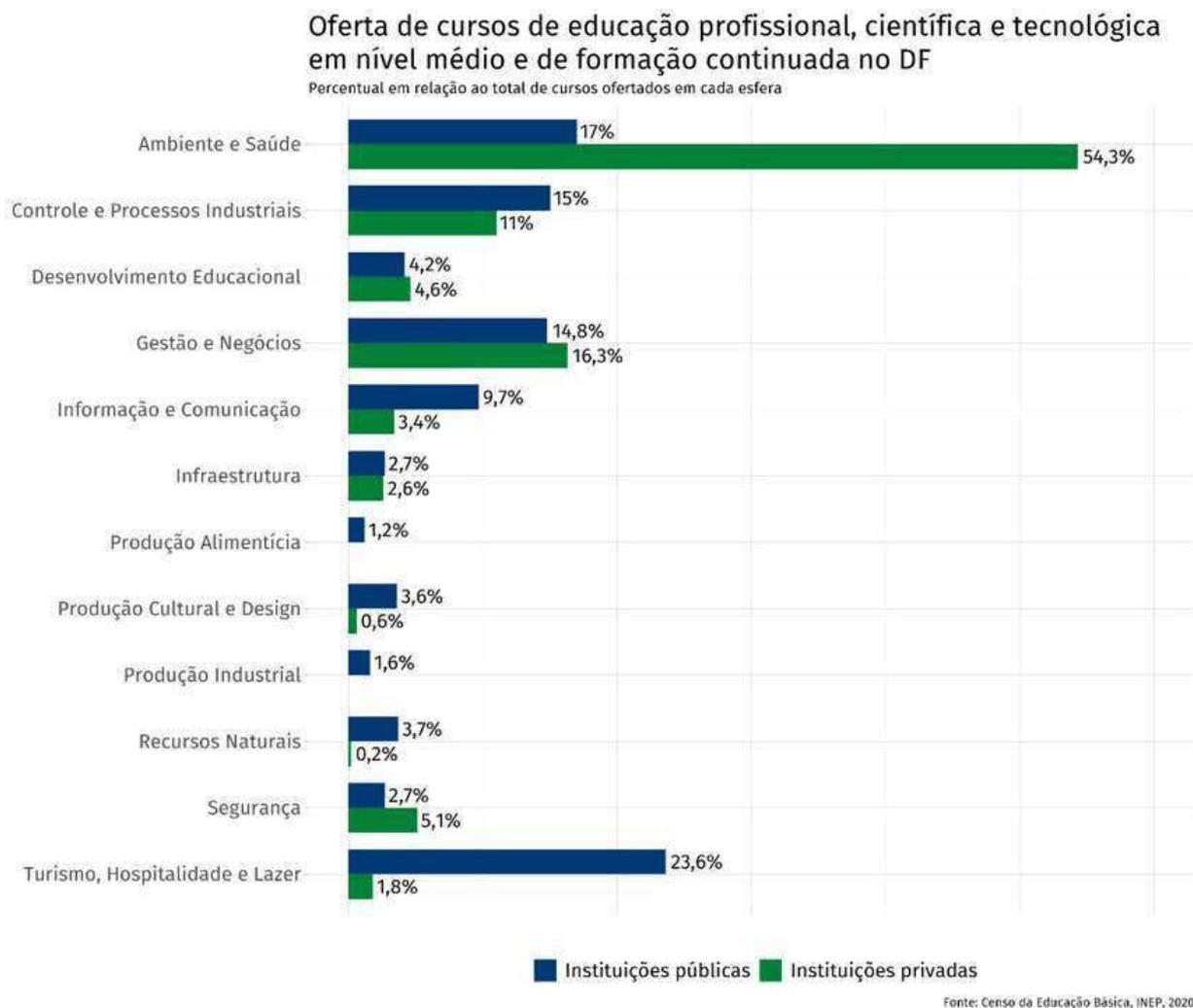
Fonte: Caged, 2021

Fonte: CAGED. Percentuais em relação ao estoque total de trabalhadores (e não estoque total em serviços).

Ou seja, a maior parte de oportunidades de emprego para jovens no DF concentra-se no comércio (20% do total), em atividades administrativas e serviços complementares (18,2%), e em serviços ligados à saúde humana e serviços sociais (12,8%). Essas atividades têm passado por grandes transformações nos últimos anos, com maior automação e as sucessivas crises da última década, principalmente a provocada pela pandemia da Covid-19. Os últimos anos foram de dinâmicas bastante disruptivas, com aumento do desemprego em 2020 e recomposição do estoque de trabalhadores na maior parte das atividades.

No DF, a oferta de cursos de educação profissional, científica e tecnológica reflete sua estrutura produtiva, com uma maior oferta de cursos voltadas para os setores em que há um estoque maior de trabalhadores. O gráfico 7 apresenta a oferta de cursos de educação profissional, científica e tecnológica em nível médio e de formação continuada no DF em 2020 por área do curso e tipo de ofertante.

Gráfico 7 - Oferta de cursos de educação profissional, científica e tecnológica em nível médio e de formação continuada no DF em 2020 por área do curso e tipo de ofertante.



Fonte: Censo da Educação Básica, INEP, 2020.

O gráfico 7 mostra que a oferta de cursos de educação profissional, científica e tecnológica em nível médio e de formação continuada segue o perfil econômico do setor produtivo no DF, ou seja, a maior parte dos cursos busca qualificar estudantes e trabalhadores em atividades ligadas ao setor de serviços e comércio, principalmente atividades ligadas ao comércio, a atividades administrativas e à saúde.

Os dados do gráfico 7 mostram também que a oferta de cursos de educação profissional, científica e tecnológica em nível médio e de formação continuada é bastante diferente entre instituições públicas e privadas. Esses cursos são ofertados pelos Institutos Federais e pelo Sistema S, por exemplo. De um modo geral, as instituições privadas ofertaram cerca de 42% desses cursos, enquanto as instituições públicas ofertaram os demais 58%.

Apesar da maior parte dos cursos serem ligadas à área de serviços, há algumas diferenças importantes que devem ser observadas. As instituições privadas ofertam de forma predominante cursos na área de ambiente e saúde, principalmente aqueles ligados à prática da enfermagem, o que, apesar de haver um processo legal para a abertura de cursos e turmas, pode estar relacionado também com o aumento da demanda desse tipo de profissional durante a pandemia da Covid-19. Também há uma oferta relevante nessas instituições de cursos de Gestão e Negócios e de Controle e Processos Industriais. Essas duas áreas também são bastante ofertadas pelas instituições públicas, mas nessas instituições predominam os cursos de Turismo, Hospitalidade e Lazer.

Essa diferença entre a oferta pública e privada também é observada pelos jovens. Segundo um dos entrevistados, “A principal dificuldade foi sair desse âmbito do acadêmico para o emprego formal.” Um dos jovens ainda observou que instituições privadas estariam mais atentas à empregabilidade de seus egressos do que as instituições públicas, enfatizando a importância de experiência prévia para a inserção no mercado de trabalho: “Eu tenho formação técnica e teórica para fazer, mas se eu não tenho experiência, eu não me contrato.”

Apesar dessa aderência à estrutura produtiva local, os cursos de educação profissional, científica e tecnológica ainda tem pouco alcance no DF, mesmo entre aqueles que se encontram desempregados, segundo dados da PDAD de 2018. Cerca de 1,2% da população do DF fez

Figura 8 – Cursos de educação profissional, científica e tecnológica em nível médio e de formação continuada



Fonte: Censo da Educação Básica, INEP, 2020 e PDAD, 2018.

A idade média de quem fez cursos de educação profissional, científica e tecnológica em nível médio e de formação continuada é de 29 anos – sugerindo ainda a necessidade de cursos de recapitação e reinserção no mundo do trabalho após uma perda eventual de emprego, principalmente voltada para trabalhadores mais velhos.

Ainda em relação ao papel de instituições de ensino, os jovens acreditam que é muito importante obter diplomas escolares, principalmente como mecanismo de sinalização. Segundo uma das jovens: “é mais uma sinalização do que realmente é algo que você é uma habilidade que você precisa usar no dia a dia.” Segundo outra entrevistada, “faz diferença e se enche o olho do empresário”.

Figura 9 – O papel de diplomas educacionais na inserção no mundo do trabalho

“

É mais uma sinalização do que realmente é algo que você é uma habilidade que você precisa usar no dia a dia

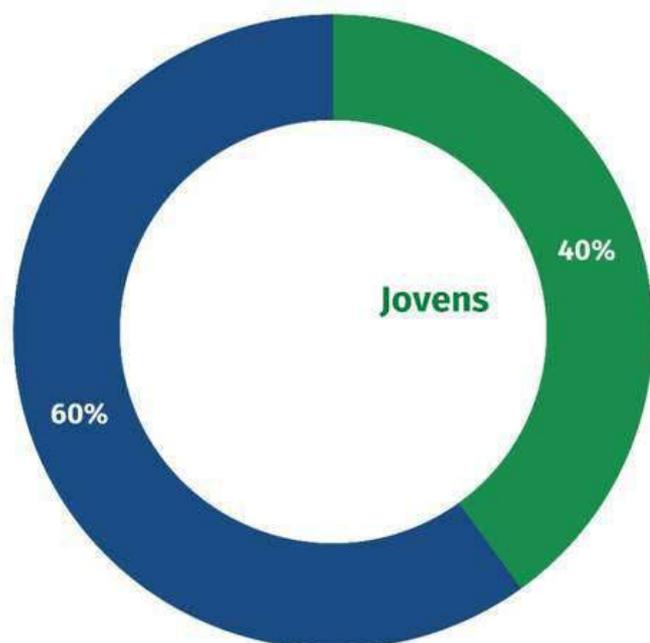
Mulher, preta, 27 anos, superior completo, desempregada

Elaboração Própria.

Ou seja, para os jovens, os cursos ofertados não atendem suas necessidades para uma inserção adequada no mercado de trabalho. Apesar disso, os jovens são 40% dos que fazem cursos de educação profissional, científica e tecnológica em nível médio e de formação continuada, como mostra o gráfico 8.

Gráfico 8 – Participação dos jovens entre aqueles que fizeram um curso de educação profissional, científica e tecnológica em nível médio e de formação continuada

Participação dos jovens nos cursos de educação profissional, científica e tecnológica e de formação continuada
Percentual em relação ao total de participantes



Fonte: PDAD, 2018.

Fonte: PDAD, 2018.

Eles não veem os cursos de educação profissional, científica e tecnológica como um instrumento efetivo de inserção no mercado de trabalho, como colocou uma das entrevistadas: “Esses cursos profissionalizantes, eu acho ótimo, mas para que jovem?”

Figura 10 – Visão sobre cursos profissionalizantes

“

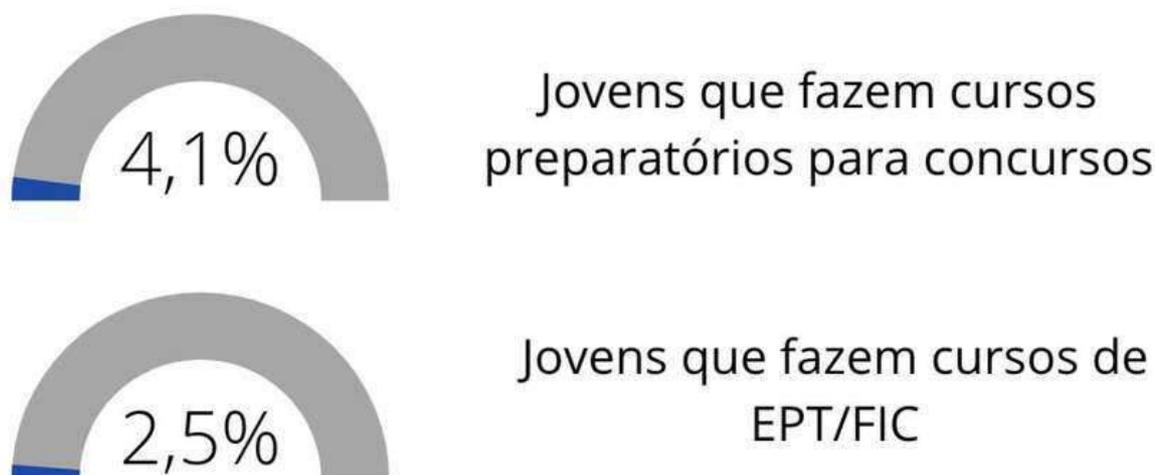
**Mas esses cursos
profissionalizantes eu acho
ótimo, mas para que
jovem?**

Mulher, preta, 27 anos, superior
completo, desempregada

Elaboração Própria.

Eles observam, ainda, que o mundo do trabalho no Distrito Federal é diferenciado, devido à preponderância do setor público, o que leva muitos deles a almejar um emprego nesse setor – “Aqui dentro do meu sonho, inclusive, estou estudando, é passar no concurso público.” Cerca de 2,5% dos jovens teriam feito algum tipo de curso preparatório para concurso, segundo dados da PDAD 2018, um percentual equivalente aos que dizem ter feito cursos de educação profissional, científica e tecnológica em nível médio e de formação continuada.

Figura 11 – Jovens e cursos de capacitação



Fonte: PDAD, 2018.

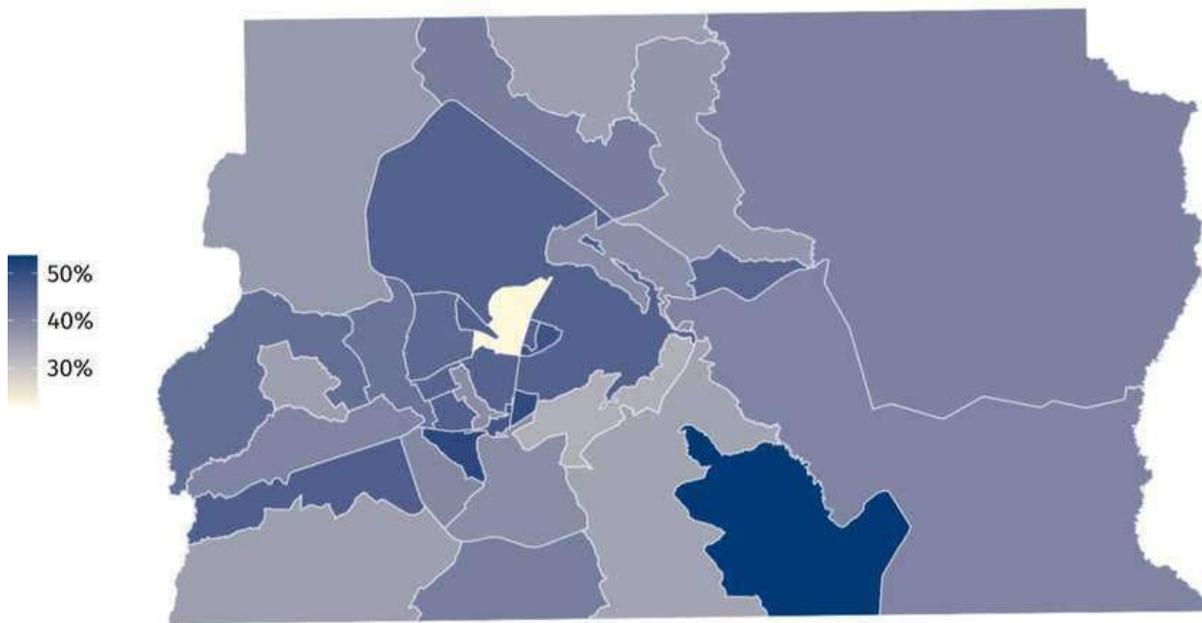
Os jovens do grupo focal disseram que alguns empregos deram oportunidade de fazer novos cursos de capacitação, principalmente aqueles temporários no setor público.

Na visão dos jovens participantes do grupo focal, os empregos – tanto do ponto de vista da oferta quanto de melhores remunerações – concentram-se também nas regiões centrais segundo os entrevistados, principalmente no Plano Piloto. Fora do Plano Piloto, para alguns setores específicos como a construção civil, foram mencionados também Taguatinga e Águas Lindas de Goiás. Há uma leve correlação negativa entre a renda *per capita* da RA com o quantitativo de jovens empregados, ou seja, quanto mais rica a região, menor o percentual de jovens que estão trabalhando. A figura 8 mostra o percentual de jovens que trabalham por cada RA.

Figura 12 – Distribuição dos jovens que trabalham por RA

Distribuição dos jovens empregados por RA

Percentual em relação à população jovem de cada Região Administrativa



Fonte: Caged, 2021

Fonte: PDAD, 2018.

Por fim, os jovens participantes do grupo focal também apresentam desconfiança em relação ao empreendedorismo como alternativa à inserção no mundo do trabalho e falta de experiência. Eles são enfáticos em sua percepção de que essa é uma opção muitas vezes inviável na ausência de capital inicial. Um dos jovens, entretanto, ponderou que o empreendedorismo pode ocorrer por necessidade: “Acaba empreendendo para sobreviver e não viver”.

Figura 13 – Fala do grupo focal sobre o empreendedorismo

“

**Acabam empreendendo
para sobreviver e não
viver.**

Homem, preto, 21 anos, médio
completo, desempregado

Elaboração Própria.

Em relação a políticas públicas, eles veem com bons olhos programas como o jovem aprendiz, mas sentem falta de uma modalidade voltada para um público mais velho, para remediar essa primeira experiência que tanto lhes falta. Eles observam que se trata de uma inserção verdadeira, uma vez que os estágios obrigatórios de determinados cursos não seriam aceitos como experiência nem permitiriam essa inserção efetiva no mundo do trabalho. Um dos jovens também chama a atenção para a importância dos programas de transferência de renda, principalmente como mecanismo de permanência em instituições educacionais. Eles também apresentam desconfiança em relação a cursos.

Figura 14 – A demanda de políticas públicas

“

**Eu acho que seria ótimo
um programa de primeiro
emprego.**

Mulher, parda, 24 anos, cursando
superior, desempregada

Elaboração Própria.

1. Comentários Finais

A dificuldade de inserção do jovem no mundo do trabalho foi reforçada pela conjuntura socioeconômica difícil imposta pela pandemia da Covid-19. As dificuldades com a manutenção dos estudos, obtenção de experiência relevante, busca de vínculos formais e remunerações suficientes foram temas evidenciados nas falas do grupo focal. Mostrou-se também que a oferta de cursos de capacitação do DF é aderente a sua estrutura produtiva, entretanto, ainda é um instrumento pouco utilizado e visto com bastante desconfiança, em parte por causa das restrições socioeconômicas que esses jovens vivem.

Os próprios jovens chamaram a atenção para a necessidade de políticas voltadas para a inserção no mundo do trabalho, como uma ampliação do programa de jovens aprendizes. Também enfatizaram a necessidade de maior integração entre o que é aprendido nas instituições de ensino e o que é demandado pelos empregadores, o que diz respeito a uma maior integração prática das atividades relacionadas tanto pelas instituições de educação profissional, científica e tecnológica como da educação geral.